



**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA**

LIDIANE SILVA CARDOSO FERRARI

**VISITANDO MEMÓRIAS EM AQUARELAS:
EXPLORANDO OS ESPAÇOS DE CULTURA PELA EXPERIÊNCIA**

CRICIÚMA

2023

LIDIANE SILVA CARDOSO FERRARI

VISITANDO MEMÓRIAS EM AQUARELAS:
EXPLORANDO OS ESPAÇOS DE CULTURA PELA EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de **Licenciada** no curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof. ^(a) Ma.
Daniele Cristina Zacarão
Pereira

CRICIÚMA

2023

LIDIANE SILVA CARDOSO FERRARI

VISITANDO MEMÓRIAS EM AQUARELAS:
EXPLORANDO OS ESPAÇOS DE CULTURA PELA EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de graduação, no Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 23 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Daniele Cristina Zacarão Pereira - Mestra - (UNESC) -
Orientadora

Prof.^a Bruna da Silva Ribeiro - Mestra - (UNESC)

Prof.^o Marcelo Feldhaus - Doutor - (UNESC)

A meu pai e minha mãe, que em sua simplicidade me inspiraram até aqui.

AGRADECIMENTOS

Ao iniciar um trabalho artístico como uma pintura, muitas vezes, o artista não sabe como será seu processo, não sabe como ficará exatamente as cores, as luzes, as sombras, não sabe de antemão qual aparência terá seu trabalho. Eu como artista me acostumei com isso, a cada etapa de uma pintura me animo e contemplo meu trabalho ao criar sua forma, tudo isso enquanto me deixo levar por minhas percepções e sentidos.

No entanto, não havia experimentado esse processo da poética na escrita, não havia feito nada tão reflexivo ou ligado à minha história, ao final, juntando cada parte escrita e pintada, pude contemplar de forma diferente as mudanças em mim ocorridas. Por isso, sou grata a Deus e a minha família, se me desloco a este momento de mudança, é porque existiram em minha vida.

Agradeço a Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC e ao seu quadro de colaboradores, por oportunizar com coragem e maestria um espaço para o conhecimento e desenvolvimento humano e científico através da arte, posso afirmar que, em todo meu percurso acadêmico, me senti de fato abraçada pela secretária do curso de Artes Visuais.

Aos meus professores, por compartilharem seus conhecimentos e suas experiências, na competência em nos conduzir a um olhar sensível para a educação e a arte, me fazendo entender nesses anos de estudo, que antes de me tornar professora, devo sempre ser aluna, em uma constante empatia e evolução.

Com carinho agradeço a professora Daniele Zacarão, minha orientadora, que esteve presente em minha formação em diversas etapas, sempre mostrando os espaços não formais como espaços do conhecimento, ajudando assim, a inflamar meu desejo por esta escrita, onde, estando eu nesse processo de escrita, me incentivou a acreditar no desenvolvimento da minha poética. Dani, obrigada.

E por fim, sou grata a todos os meus colegas, nesta turma encontrei muito amor e dedicação ao aprendizado da docência. Em especial meu colega, amigo escudeiro, Lucas Pereira, nossas conversas contribuíram e fizeram parte da minha formação.

A todos, gratidão.

“O Museu é uma escola. O artista aprende a
comunicar-se. O público aprende a fazer
conexões.”

(Luis Camnitzer)

RESUMO

A presente pesquisa propõe a investigação dos espaços culturais como espaços não formais de educação, a partir das experiências de uma professora de artes em formação, que ao longo do seu percurso formativo visita espaços de cultura e sente-se transformada por essas vivências. Memórias e equipamentos culturais são apresentados em uma série de aquarelas em formatos de cartões postais, na tentativa de reconstruir lembranças e uma coleção perdida. A partir da metodologia cartográfica, esta pesquisa **rememora, deriva, emerge e reflete** sobre a importância dos espaços culturais, especialmente das saídas escolares, como incentivo a valorização da cultura local e formação sensível dos estudantes. Tais reflexões são abordadas a partir de autores como Jorge Larrosa Bondía, Maria da Glória Gohn, Mirian Celeste Martins e Jacques Rancière. Por fim, é apresentado um projeto de curso, a partir da série cartões postais produzidos, com objetivo de proporcionar experimentações em desenho, tendo uma visita ao Centro Cultural Jorge Zanatta como ponto de partida para os processos de criação.

Palavras-chave: Espaços culturais; Saída Escolar; Experiência; Espaços não formais de educação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- 1 Imagem - Museu Paulista da Universidade de São Paulo
- Acervo Pessoal
- 2 Imagem - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
- Acervo Pessoal
- 3 Imagem - Ônibus Biblioteca - Acervo Pessoal
- 4 Imagem - Casa de Arte Ana Frida - Acervo Pessoal
- 5 Imagem - Sala Edi Balod – Espaço de Exposição e Laboratório de
Artes Visuais da UNESCO - Acervo Pessoal
- 6 Imagem - Centro Cultural Jorge Zanatta - Acervo Pessoal

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	Alagoas
FCC	Fundação Cultural de Criciúma
FMU	Faculdades Metropolitanas Unidas
IBGE	Instituto brasileiro de geografia e estatística
MAM	Museu de Arte Moderna de São Paulo
MAR	Museu de Arte do Rio
MASP	Museu de arte de São Paulo Assis Chateaubriand
SC	Santa Catarina
SP	São Paulo
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 REMEMORAR.....	12
2 DERIVAR	18
3 IMERGIR: ESPAÇOS CULTURAIS COMO ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO.....	41
4 O CORPO E O ESPAÇO: EXPLORANDO ESPAÇOS CULTURAIS	53
5 REFLETIR.....	59
6 REFERÊNCIAS.....	62

1 REMEMORAR

Neste primeiro momento trago minhas memórias para introduzir esta escrita, lembranças e experiências que moram em mim, sendo parte essencial na minha formação sensível, enquanto estudante de artes visuais e futura professora. Rememorar foi um exercício necessário e decisivo para a elaboração dessa pesquisa.

Sou natural de São Paulo/SP, morei toda a minha vida na zona Sul da capital, a terceira zona em maior concentração populacional, sempre moramos na mesma casa, meu irmão e eu, minha mãe, empregada doméstica, natural do interior de Arapiraca/AL e meu pai, autônomo, catarinense nascido no interior de Joinville/SC.

Fez parte do meu cotidiano o contato com culturas de todos os lugares, pessoas simples que traziam em si suas raízes, territorialidades, caminhos, histórias, refletidos em minha família, tal mistura dentro e fora de casa fez com que todas as culturas fossem minhas. Na grande capital paulistana a cultura se torna estrangeira de sua própria terra.

São Paulo sempre foi sinônimo de oportunidade de melhores condições de vida, sendo a cidade mais populosa do Brasil, com cerca de 11.451.245 habitantes (IBGE, 2022), outro aspecto a se destacar como referência é a grande oferta de atividades culturais para a população, são muitos museus, centros culturais e instituições que oferecem uma rica programação.

Os espaços culturais, de uma certa forma, sempre estiveram disponíveis à população, levando em consideração que cada espaço

cultural, em cada cidade, apresenta suas próprias dificuldades para a sua existência, ainda assim, outro enfrentamento me acompanhava e se tornou crescente em minha formação, a educação quanto a frequência e importância desses espaços.

A escola, como espaço de formação cidadã e política, pode ser nascente dessa luta, fomentando experiências e a importância da existência dos espaços culturais. Lembro-me que, ainda no ensino médio, tive o campo das artes retirada da grade curricular, um acontecimento que, para mim, aumentou ainda mais o que já existia, a falta da experimentação da arte. Minha relação com a escola se mostrou muito cinza, rígida, nessa formação composta pelo ensino tradicional, reto, exato, derivado de um olhar cartesiano.

[...] tem permeado a trajetória do pensamento e do conhecimento humano há muitos séculos, tem se manifestado em estudos sobre o comportamento a partir de uma visão cindida entre racional e emocional, pressupondo-se, geralmente, que o primeiro deveria dominar o segundo, impedindo uma compreensão da totalidade do ser humano. (Leite; Tassoni, 2000, p.1).

Esta citação de Leite e Tassoni (2000) vem de encontro com minhas experiências escolares, sempre em contato com a valorização das ciências exatas e sua racionalidade tida como verdade, como aluna não me sentia esse ser em totalidade.

No entanto, o espaço escolar se tornou meu primeiro espaço de formação sensível, a partir um novo movimento, onde aos sábados eram oferecidas oficinas variadas, uma delas de pintura a óleo em tela, proposta por um projeto chamado “Escola da Família”,

um programa criado pelo Governo do Estado de São Paulo que concedia bolsas de estudo integral aos ministrantes das oficinas.

Infelizmente o projeto não se estabilizou na minha escola e teve seu encerramento com poucos meses de atuação, porém, estar nesse espaço de formação diferente e dinâmico, mesmo que por pouco tempo, pode me proporcionar uma experiência transformadora, foi nessa época que me descobri no mundo da pintura.

Rememorando minha trajetória a partir desse primeiro espaço de cultura dentro da escola, vejo uma conscientização tardia com relação aos outros espaços culturais, minhas visitas ocorreram alguns anos após o término do ensino médio, infelizmente com pouca frequência, no início devido à locomoção de uma jovem sozinha, em um centro urbano, não ser algo tão fácil e seguro, mais tarde, existia a dificuldade do tempo, já que minha jornada de trabalho e trânsito na metrópole caracterizava-se em média de 13 horas.

No entanto, a semente em mim plantada no projeto fazia com que meu amor pela pintura me impulsionasse, busquei em meus intervalos, saídas e entradas do trabalho frequentar espaços culturais de arte, o que me era possível dentro do meu tempo. Visitava-os no início sem nenhuma pretensão, pois a ótica do aprendizado fora da carteira escolar não havia sido apresentada a mim ou ainda não sabia problematizar sua importância.

Dessa maneira, fora do ambiente formal de educação, nesses espaços de cultura, pude deixar aflorar os meus sentidos e, aos poucos, compreender que ocorria comigo um processo de

aprendizagem, tendo a possibilidade de transitar em espaços como casas culturais, museus, arte urbana e ateliês.

Me descobri na possibilidade do olhar, do sentir, lembrar, refletir, perguntar e silenciar, questionar-se e materializar. A arte se mostrou como potência, viva e forte. Assim, como os números eram tidos como verdade no quadro negro em meus anos escolares, nesses espaços, a arte se tornou ciência para mim.

Pensando em como somos transformados pelos espaços culturais, Jorge Larrosa (2014) faz alusão a essência da palavra experiência: “A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”. Considerando as minhas experiências nos espaços de cultura e suas contribuições para a minha formação sensível, trago o tema dessa pesquisa a visita aos espaços culturais, buscando compreendê-los como potentes espaços não formais de educação.

Acredito que essas vivências contribuem no desenvolvimento do ser sensível, possibilitando ao sujeito uma abertura ao mundo, a cultura, a cidade, a arte expressa em cada artista, em cada geração, a complexidade das linguagens, lugares exploratórios, críticas e resistências.

Com o objetivo em atrair atenção para o tema, o trabalho busca contribuir com a reflexão quanto às saídas da escola para visitar espaços culturais (espaços não formais de educação) e suas contribuições para a formação do sensível no aluno, atentando as relações entre os espaços formais e não formais de educação a partir da sua ocupação. Desse modo, apresento a questão

problema: **como as saídas escolares para visitas a espaços culturais podem contribuir para a valorização da cultura local e formação sensível dos estudantes?**

Esse percurso-pesquisa se insere na linha de pesquisa Arte e Educação, do Curso de Artes Visuais - Licenciatura, da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, buscando usar a cartografia como método de investigação, que percorre esses espaços culturais na busca da percepção do percurso, sendo a passagem da experiência como o fator de maior relevância.

Na busca dessa experiência, em caminhos que se cruzam e se modificam, não mensuramos algo tão singular, que Luciano Costa (2014) nos traz, a definição desta metodologia de pesquisa como um processo de encontro e recomeço.

O cartógrafo cartografa sempre o processo, nunca o fim. Até porque o fim nunca é na realidade o fim. O que chamamos de final é sempre um fim para algo que continua de uma outra forma. (Costa, 2014, p. 69).

Nessa reflexão do processo, trabalhando esses conceitos junto ao diálogo com referenciais teóricos, contínuo em minha formação sensível, sem a espera de conclusões, mas buscando refletir sobre **como estes equipamentos culturais são potenciais espaços não formais de educação? Qual a importância das visitas aos espaços culturais na formação sensível do aluno? Como um processo artístico pode provocar reflexões sobre experiências e memórias vivenciadas em espaços culturais?**

Através de referenciais teóricos que abordam a importância do par espaço/experiência, buscaremos aspirar a essência das

palavras, experiência, espaço, passagem e territorialidades, na busca de “Reivindicar a experiência” (Larrosa, 2014, p.38). Tratando da importância das saídas escolares, usarei aqui o meu percurso formativo - da escola à universidade -, evidenciando através de produções artísticas os espaços culturais vividos em minha formação.

Desse modo, a pesquisa se estrutura em capítulos que irão dar forma a este percurso, sendo o primeiro “Derivar”, em que apresento por meio das minhas pinturas em aquarelas os espaços culturais que foram condutores em minha formação sensível, através da pintura e escrita de minhas memórias sobre cada espaço, buscando recordar meu percurso de desenvolvimento até a minha atual formação no ensino superior.

No capítulo “Imergir” trago os espaços culturais como espaços não formais de educação, buscando perspectivas de diferentes teóricos sobre o tema, pautando minha experiência em uma pesquisa acadêmica, para assim, buscar compreender a importância dos espaços culturais na formação sensível do aluno.

Por fim, com o capítulo “O Corpo e o Espaço”, procuro desenvolver um projeto de aula que aborda a teoria e prática desenvolvidas nesta pesquisa, propondo reflexões sobre um currículo escolar que incentiva as saídas da escola para visitas aos espaços culturais - espaços não formais de educação.

2 DERIVAR

Nas grandes capitais, como em minha cidade natal ou em cidades menores, existem espaços culturais que possibilitam visitas e imersões em diversas linguagens, são equipamentos culturais como ruas, praças, edificações históricas, ateliês, casas de cultura, museus, galerias de arte, que camuflam em si experiências educativas.

Digo camuflar, pois estes espaços, por mais expostos ou exuberantes que possam ser, tornam-se parte da paisagem, sem um sentido de pertencimento ou funcionalidade para uma parte da sociedade, desse modo, necessitam de alguma mediação para colocar-se em diálogo com o seu contexto. Penso que, para sua descoberta, é preciso "ensinar" a afetar-se, colocar o olhar à disposição, perceber além do espaço cheio ou vazio, o que este me fala.

[...] importante é também o nosso olhar/corpo singular, o encontro entre nossas referências pessoais e sociais com o que nossos olhos veem, com o que nosso ouvido ouve, com o que o nosso corpo sente. (Martins et al., 2012, p. 13).

Este corpo transitório que subsiste na cidade, vive apático, fadigado e indiferente aos espaços que o cercam, imunes ao afeto. Em vista disso, busquei entender esta apatia social voltando para a minha própria história.

Quando ainda pequena transitava pela cidade de São Paulo junto a minha mãe, na época, não havendo com quem ficar, partilhava das idas e vindas de seu trabalho. Percorremos juntas um bairro com muito acesso cultural, o Ibirapuera, trajeto que minha mãe fazia há mais de 15 anos, tínhamos em nosso caminho, esculturas, monumentos, edificações culturais históricas e eventos de rua. Tudo ali ocorria, porém, nada nos afetava.

Considero que, como ocorreu em minha família, os espaços culturais, de certo modo, existem no consciente popular como um espaço histórico, edificações onde o seu sentido e conteúdo é desconhecido, existindo a impercepção quanto a possibilidade do acesso, como se aquele lugar não nos pertencesse, não fazendo parte de quem somos.

Com isso, através da oficina de pintura, realizada na “Escola da Família”, em 2006, pude de certo modo ser mediada a estes espaços culturais, mesmo que de maneira sutil, algo havia mudado em mim, como que, criando trajetórias subjetivas, me vi na procura dos espaços culturais em minha cidade.

Assim se iniciou minha rota de vivências e contaminações no campo da arte. Em meu processo de escrita, escolhi aquarelar estes espaços como um modo de revisitá-los em minha memória, enquanto os pintava, me senti como quem escava algo profundo, pintando-os da maneira como os gravei internamente, tal como provoca a fala de Bachelard (2008, p.49):

[...] as verdadeiras imagens são gravuras. A imaginação grava-as em nossa memória. Elas aprofundam lembranças vividas, deslocam-nas para que se tornem lembranças da imaginação.

Pintei alguns espaços culturais representados pela sua fachada, sendo sua parte externa o primeiro elemento de contato com o público, entendo que, por vezes, cria no imaginário dos transeuntes aspectos de distanciamento. No entanto, com o seu interior revelado, sua fachada passa a ser sinônimo de aproximação, como um rosto em uma lembrança. Outros pintei seu interior, como um movimento de transformação da minha ruptura ao acesso, trazendo a partir do conteúdo interno dos espaços, o desenvolvimento direto da minha experiência.

Junto a pintura apresento um mapeamento do percurso até estes espaços, como quem cartografa, faz um traçado urbano, gravando em minhas aquarelas o trajeto desse movimento até os espaços de memórias, experiências e transformação.

Em vista disso, surgiu a ideia de transformar meu trabalho artístico em cartões postais, tal escolha veio por meio da lembrança de uma coleção perdida, onde ao visitar o Museu do Ipiranga ia colecionando cartões postais que eram vendidos em seu Hall de entrada, cartões de espessura grossa de cor amarelada, continham imagens das obras e objetos do acervo do museu, para mim uma coleção afetiva que guardava em si rastros de minhas experiências vividas naquele espaço.

Porém, um dia, de uma maneira que não pude evitar, esta coleção veio a se perder, assim, poder voltar a este formato do cartão postal com minhas memórias dos espaços culturais de afeto, inserido como parte do processo da pesquisa do meu trabalho de conclusão de curso, tem para mim significado muito importante.

Com isso, trago como primeira produção - ou o primeiro lugar de visitação - o exuberante e imponente Museu Paulista da Universidade de São Paulo, mais conhecido como Museu do Ipiranga¹, localizado no bairro da Independência, em São Paulo/SP, este espaço   símbolo da história brasileira, sendo projetado como monumento em comemoração ao acontecimento próximo às margens do Rio Ipiranga, o grito da proclamação “Independência ou morte”, proferido por Dom Pedro I.

Este importante lugar histórico foi meu primeiro espaço/museu do afeto, lembro-me que foi no início de minha adolescência, por volta do ano de 2005, meu irmão e eu fomos sozinhos ao museu, foram duas horas de muito sobe e desce em transporte público e muitas perguntas aos pedestres, para enfim, chegarmos em frente ao museu, embasbacados pela sua imensidão e beleza.

Nunca havia aprendido tanto sobre a história brasileira como naquele dia, porém, algo além da história existente nessa experiência, tem a dizer sobre minha escolha acadêmica, assim como a ideia do título deste capítulo “deriva”, tem a dizer, sobre esta primeira ida ao museu.

Meus pais não puderam terminar os estudos, meu pai cursou até o 8^o ano do ensino fundamental, minha mãe até o 4^o ano, com isso me acompanharam firmemente até o término escolar, entretanto, como ambos não concluíram os estudos, também não conheciam o espaço da universidade, não tínhamos diálogo sobre uma possível educação superior, cresci sem me imaginar nesse

¹ <https://museudoipiranga.org.br/>

espaço, nunca pensei sobre o que estudar ou se iria realizar alguma graduação.

Depois desse episódio da primeira visita ao museu, uma oficial mudança de percurso aconteceu, como ocorre com os barcos que ao alterar o leito, derivam para outro rumo. É sobre isto que fala este capítulo da minha pesquisa/produção, sobre essa deriva, esse percurso, esse corpo que se afeta e muda de rota e deriva para outros espaços de existência.

Minha decisão de buscar uma formação acadêmica ocorreu nesse mesmo dia, em um dos corredores subterrâneos do museu, estava olhando os quadros pintados a óleo, lembrando da minha experiência com a pintura, e, a partir desse momento, me projetei ao futuro e disse para mim mesma “quero estudar arte”, este foi o meu grito, interno e silencioso, porém, decidido.

Imagem 1 - Aquarela 21 x 29,7 cm (2023) - Museu Paulista da Universidade de São Paulo



Fonte: Arquivo Pessoal

Sempre que possível buscava voltar ao museu do Ipiranga e junto a estas idas, já tendo se passado alguns anos, tive o conhecimento da existência do MASP, em 2009, iniciava-se mais uma deriva. O MASP sendo o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand², com seu edifício suspenso, tem como missão “estabelecer, de maneira crítica e criativa, diálogos entre passado e presente, culturas e territórios, a partir das artes visuais” (MASP, 2017). Projetado pela arquiteta Lina Bo Bardi, o museu tem um acervo imenso e rico de obras de artistas consagrados pela história da arte como Van Gogh, Renoir, Monet, Picasso, entre outros.

Na minha formação escolar, infelizmente, tive uma educação artística um tanto empobrecida, no último ano do fundamental minha classe ficou sem professor titular em artes, acabamos tendo aulas em parte com professor substituto e parte com aulas vagas, e como citado anteriormente, em meu ensino médio o componente de Arte foi tirado da grade curricular.

Com isso, ousou dizer que o MASP se tornou minha sala de aula, através da ida ao museu pude aprender ou me introduzir no que faltou nos últimos anos de escola, conhecer sobre a história da arte e seus movimentos artísticos, a partir do que era exposto.

² <https://masp.org.br/>

Imagem 2 - Aquarela 21 x 29,7 cm (2023) - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand



Fonte: Arquivo Pessoal

Outro espaço importante em minha formação foi o Ônibus Biblioteca³, um projeto que surgiu no estado de São Paulo/SP em 1935, idealizado pelo escritor e primeiro diretor do departamento de cultura, Mário de Andrade, partindo da frase "Em vez de esperar em casa pelo seu público, vai em busca do seu público onde ele estiver" (Cidade de SP Cultura, 2006), o projeto Ônibus Biblioteca vem partilhando cultura por todo estado e ganhou corpo nos últimos anos chegando a bairros mais distantes como o meu.

O contato com este projeto se deu ainda na adolescência, entre os anos de 2008 e 2009. Lembro-me que todas as terças, ficava ansiosa, pegava meu cartão leitura e subia a ladeira ao encontro do ônibus, dentre o acervo lembro-me de uma coletânea de livros sobre os grandes pintores da história da arte, dessa forma, me aproximava ainda mais do universo das artes.

O ônibus criou em mim um estímulo à leitura, passei a ser uma leitora assídua, o que também ajudou muito na época em minha formação escolar. Através de seu espaço tive acesso à literatura brasileira, estrangeira e a muitos livros e conteúdo de arte, com isso, ampliava-se meu conhecimento geral e repertório artísticos. Também ocorria no espaço externo do ônibus, na calçada, leituras coletivas e oficinas de desenho utilizando materiais diversificados como papel adesivo e ímã.

Naquela época, enquanto seu itinerário estava no meu bairro, frequentei, mas com o passar do tempo o projeto foi tendo algumas pausas. Felizmente, hoje sua circulação está ativa no estado de São

3

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/onibus_biblioteca/

Paulo, adotando agora um novo nome, Ônibus Cultura, sendo considerado uma das maiores políticas públicas de cultura do país.

Imagem 3 - Aquarela 21 x 29,7 cm (2023) - Ônibus Biblioteca



Fonte: Arquivo Pessoal

Agora em outro momento de minha trajetória formativa, tive a necessidade de um movimento de percurso ainda maior, quando em 2019, me mudei para o estado de Santa Catarina, vindo morar definitivamente na cidade de Criciúma/SC. Estando tão distante da minha cidade natal e de tudo que me afetou, criaram-se novas oportunidades de conhecimento cultural.

Este encontro com a cultura de outro estado e cidade veio de início com a continuação da minha formação acadêmica, ingressando na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, no curso de Arte Visuais Licenciatura. Ainda em São Paulo, havia iniciado meus estudos no curso de Arte Visuais da Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU, porém, após o encerramento do primeiro semestre, decidi me mudar, impulsionada pela vontade de dar uma melhor qualidade de vida para minha mãe, sendo que meu irmão mais velho já residia em Criciúma há muitos anos, assim, nos mudamos para ter este suporte familiar.

A UNESC me foi uma ótima coincidência, ao saber de sua existência, pude dar continuidade aos meus estudos. Este contato com a universidade tornando-se uma importante ponte de conexão com espaços de culturais, indicando e mediando estes espaços do afeto, agora em um território desconhecido.

Gostaria de iniciar falando do espaço cultural localizado na rua Lauro Müller, número 693, a Casa de Arte Ana Frida⁴, que é moradia e ateliê de uma importante figura artística local, o artista e professor Edi Balod.

⁴ <https://www.instagram.com/explore/locations/402185440/casa-arte-ana-frida-antiques/>

O contato com este espaço ocorreu como uma grande surpresa, foi mediado pela professora Daniele Zacarão, na disciplina de Laboratório Formativo III, da 7ª fase do Curso de Artes Visuais da UNESC, não sendo uma disciplina obrigatória na licenciatura, constava como opção eletiva. Os espaços não formais de educação já haviam sido trabalhados no Laboratório de Ensino da Arte VI e, buscando conhecer um pouco mais sobre o assunto, fiz essa escolha.

Até aquele momento, não havia tido a oportunidade de conhecer muitos espaços culturais, pois, após alguns meses da minha vinda para Santa Catarina, ocorreu o isolamento da pandemia. Foi em um dia caótico de trabalhos e afazeres que nossa aula ocorreu fora da universidade, no ateliê-casa Ana Frida, neste dia, pude ter o prazer de conhecer um dos ateliês mais lindos e ricos em potência artística que já conheci.

Estávamos todos reunidos para uma noite de inauguração do projeto, "Arte do Extremo Sul Catarinense: transitoriedade, poética e resistência", organizado pelo também professor da UNESC, Mikael Miziescki, o projeto contava com quatro curtas sobre a vida e obras dos artistas Jussara Guimarães, Gilberto Pegoraro, Berenice Gorini e Edi Balod.

Tendo o Edi como caloroso anfitrião, pudemos conhecer suas obras e sua fala emocionada sobre o potencial dos artistas locais. Sua casa-ateliê esbanjava criatividade por todo lado, nos propiciando um mergulho profundo ao universo do artista, sua coleção de obras de arte espalhada por toda parte se fundia com suas próprias produções. Essa imersão criava em nós, estudantes

de artes visuais, novos repertórios de criação e memória afetiva com a artística local.

Assim, na memória de nossas vidas, fomos vendo o que nos contaminou nos encontros com a arte e deles fomos extraindo os conceitos. (Martins, 2014, p. 255).

De fato, através dessa interação com o ateliê do artista pude conhecer muito sobre a cultura local e a partir dessa experiência criar concepções de arte em minha formação acadêmica, estendendo o que vivi naquele espaço, em minhas produções artísticas e em meu estágio na escola.

Imagem 4 - Aquarela 21 x 29,7 cm (2023) - Casa de Arte Ana Frida



Fonte: Arquivo Pessoal

Com a ida à casa do Edi Balod, a turma estava extasiada, aquele encontro havia de várias maneiras afetado a todos nós. Quando retornamos para as aulas, ainda no mesmo semestre, fomos então provocados pela professora a um desafio incrível, teríamos que produzir uma exposição, tanto a expografia quanto a curadoria estava sob a nossa responsabilidade. Para realizar este projeto, contávamos com o espaço de exposição artístico contemporâneo que se localiza dentro da UNESCO, cujo nome é uma homenagem ao artista Edi Balod: a Sala Edi Balod - Espaço de Exposição e Laboratório de Artes Visuais da UNESCO.

Em decisão unânime, não achávamos outro tema senão reproduzir aquela experiência da casa-ateliê Ana Frida. Com isso, nascia uma nova experiência, agora estando no lugar de produção, com o objetivo em proporcionar ao público a mesma sensação que tivemos ao visitar a casa do Edi Balod. Tudo foi pensado para recriar e contaminar a quem estivesse presente na exposição.

Para tal feito, a turma realizou diversas idas à casa-ateliê, de início, realizamos a elaboração de uma carta convite, aceita de imediato pelo Edi Balod que, para nossa alegria, nos deu total liberdade na escolha das obras e objetos de afeto. Foram momentos enriquecedores não somente para mim, mas creio que para todos os participantes.

Pudemos vivenciar o processo em selecionar as obras junto a presença do artista, essa dinâmica nos oportunizou o contato com muitas informações históricas das peças. O artista Edi Balod nos trouxe, em paralelo a nossa seleção, um rico diálogo de

pertencimento de sua própria história como professor e artista, e acontecimentos históricos da cidade.

Após a seleção e organização da expografia do espaço, iniciamos a divulgação com uma seleção de músicas, que contou com a curadoria do músico e egresso do Curso de Artes Visuais, Guigo Cardoso, que partiu dos clássicos vinis da coleção do Edi Balod, produzindo uma playlist no aplicativo Spotify, intitulado com o endereço do ateliê e título da exposição “Rua Lauro Muller, nº 693”⁵.

Na exposição a iluminação era branda, assim como na casa-ateliê do artista, as plantas dominavam o espaço imitando seu jardim externo que rodeia e trama a edificação, pertences da história afetiva e partes da coleção do artista foram colocados cuidadosamente pelo espaço, uma projeção no conto da parede refletia filmagens dos detalhes externos e internos da casa, com a fala do artista sobre suas vivências e poesia, como plano de fundo, corria uma música clássica que marcou nossa chegada no primeiro encontro.

A experiência em recriar a atmosfera de um ateliê, contendo a identidade do artista, foi um privilégio para mim, de diversas maneiras podemos nos desafiar e observar ao final o potencial de nosso trabalho, aprendendo que com esforço e sensibilidade podemos pensar a mediação e criar espaços de afeto, a partir daquilo que nos transformou.

⁵ <https://noticias.unesc.net/geral/2023/06/30/artista-edi-balod-inaugura-exposicao-rua-lauro-muller-693-na-unesc/>

Imagem 5 - Sala Edi Balod - Espaço de Exposição e Laboratório de Artes Visuais da UNESCO



Fonte: Arquivo Pessoal

Outro espaço importante é o Centro Cultural Jorge Zanatta⁶, mais um espaço de descobrimento em minha formação, localizado próximo à Casa da Cultura Neusa Nunes Vieira no centro de Criciúma, a instituição persiste existindo com uma história de luta e resistência.

Construído em 1940, o casarão se tornou patrimônio tombado pelo decreto n.º 940/SA/2007 no ano de 2007 (Picolo, 2014), nesse espaço hoje está abrigada a Fundação Cultural de Criciúma, suas oficinas, acervos, Galpão das Artes e a Galeria de Arte Contemporânea.

Tive a oportunidade de colaborar, neste ano de 2023, em algumas mediações com turmas escolares da região, entre idades variadas, através do convite do curador Marcos Dagostin, que ao iniciar seu estágio na Fundação Cultural de Criciúma, propôs e trabalhou junto à instituição para a reabertura da Galeria de Arte, após longos 3 anos fechada.

Minha experiência com a mediação deste espaço ocorreu a partir da exposição “Coletiva Jovens Artistas Catarinenses: Rotas em convergência” com curadoria de Clairton Rosado e Marcos Dagostin, que apresentava a produção de 13 jovens artistas, alguns da região de Criciúma e cidades circunvizinhas, que através de diversas linguagens artística como pintura, cerâmica e instalação, compartilham sua poética com o público, colaborando com a formação de um olhar mais sensível sobre nossa cultura local.

⁶ <https://fcc.criciuma.sc.gov.br/noticia/Reabertura-do-Centro-Cultural-Jorge-Zanatta-sera-em-29-de-novembro/13108>

Durante essas mediações, pude vivenciar como o espaço cultural possibilita a criação de uma conexão com o público, neste caso composto por crianças, pudemos conversar de maneira aberta e orgânica sobre como elas entendiam o espaço e o que sentiam enquanto observadoras, ao término das rodas de conversa seguíamos todos para uma oficina de desenho, onde os participantes produziram suas ideias e sensações, partindo do que haviam experienciado na galeria, uma ação que dialoga com a fala de Ney Wendell (2013, p.8):

O público é conectado ao produto cultural a partir do seu contexto com uma mediação que afirme seu lugar, sua história e sua cidadania. É uma conexão movida por um processo inclusivo e criativo através de um conjunto de ações educativas que afirmam o público presente. O estar conectado é ter direito de saber sobre o que acontece culturalmente ao redor dele, de como pode ter acesso aos eventos e espaços culturais, de conhecer e reconhecer os produtos culturais como parte de sua vida social.

Nesse curto espaço de tempo fui marcada por diversas cenas e falas, fora todo entusiasmo que pude ver nos alunos e professores presentes, no entanto, um episódio corriqueiro me chamou atenção, em uma das mediações havia uma criança cadeirante, para este acesso especial do público, o Centro Cultural conta com uma entrada ampla e acessível aos fundos do casarão, próximo ao jardim, contribuindo na necessária acessibilidade, fora esta entrada também temos sua famosa escadaria frontal, sendo esta a sua entrada principal, e ao lado entre a escadaria principal, existem duas rampas laterais no formato de uma linda rua de paralelepípedos contornadas com um jardim florido.

Porém, naquele dia, o motorista havia deixado as crianças em frente a instituição, logo, todas foram subindo pela escadaria principal, fazendo-se necessário o acesso à rampa lateral para a estudante cadeirante, no entanto, os portões das rampas estavam trancados. Ao descer a rua e ir de encontro com a estudante que estava acompanhada junto a duas professoras, pude avistar o cadeado que prendia a portão, observei que era antigo, meio enferrujado e mesmo contendo um molho com muitas chaves, não havia ali a chave correspondente, as professoras muito gentis resolveram dar a volta com a aluna pela rua até o acesso aos fundos pelo estacionamento.

Enquanto isso, ao retornar ao casarão subindo pela escadaria, pude ver toda uma movimentação das 41 crianças que desbravavam o hall de entrada, junto a algumas professoras do grupo responsável pela turma, além das crianças, estavam ali o curador Marcos, com o artista Luiz Gustavo, que integrariam a mediação comigo. Também alguns colaboradores e gestores da instituição conversavam e definiam entre si, medidas a serem tomadas quanto ao cadeado, no qual, o paradeiro da chave ninguém sabia. Todos aguardavam a turma ficar integrada para então iniciar a mediação.

Imagem 6 - Aquarela 21 x 29,7 cm (2023) - Centro Cultural Jorge Zanatta



Fonte: Arquivo pessoal

Com todo esse cenário, aquele instante me provocou uma reflexão: para mediar é preciso ter coragem! O centro cultural tão silencioso em seu cotidiano estava preenchido de muito barulho e movimento. Busque as chaves! Abra os portões! A partir da ocupação do espaço é que podemos perceber o próprio espaço e entender que ele deve, sim, ser aberto, movido e compartilhado.

Desse modo, com as lembranças rememoradas em minhas aquarelas a partir dos espaços culturais, percebo o quanto fui transformada por essas experiências. Sendo eu este sujeito, como tantos outros, que não se percebia nos espaços de cultura, ao visitá-los, fui sendo colocada na condição de mudança e tais mudanças me levaram para ainda mais longe, para um espaço de formação superior. Hoje, me vejo nos espaços de cultura não somente como sujeito da experiência, mas como mediadora na formação de um público sensível ao campo das artes e cultura.

3 IMERGIR: ESPAÇOS CULTURAIS COMO ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO

No processo de elaboração desse texto, ao final da minha formação na graduação, entendo que “Para cartografar é preciso estar num território” (Costa, 2014, p.69). Nesse território, em que muito me ocorreu, vejo que é essencial continuar adentrando nos espaços de cultura, todo esse exercício de memória e escrita exigiu de mim um olhar mais introspectivo, sendo impulsionada a visitar a origem daquilo que escrevo, como este me afetou e, com isso, compreender a influência e necessidade dos espaços de cultura como espaços não formais de educação.

Quando falamos desses espaços não formais de educação no campo das artes visuais, é recorrente pensarmos em museus e galerias de arte, assim como nas exposições como formatos de apresentação da produção artística. Tais aspectos são herança de uma cultura ocidental, que até hoje se mantém como modelo hegemônico para instituições de arte.

Historicamente, desde 1550, já existia o desejo e necessidade em se criar espaços onde se dava abertura a descoberta humana, conhecidos como gabinetes de curiosidades, que por meio de objetos de artes e de todos os gêneros (animal, vegetal e mineral), mantinham de forma agrupadas itens colecionáveis. Usufruir destes espaços estava limitado à classe nobre da sociedade, e tal acesso se limitava ao status social e econômico.

Com o passar dos anos, no século XVI, iniciaram-se as construções para abrigar tais coleções, os primeiros museus, e no

século XVII, o formato de exposição se popularizou nos salões parisienses (Figueredo, 2013, p. 16). Entendo que, a necessidade de agrupar, catalogar e expor estes itens nada mais era para o homem, como um meio educativo de compreender o mundo.

Estes espaços se modificaram e se reinventaram no decorrer dos anos, acompanhando o homem, que por si só, é mutável em todas as suas ramificações, portanto, esteve em constante transição. Com essas mudanças os espaços, inicialmente acumulativos, deixam de ter função de salvar e guardar e passaram a disseminar a cultura material e imaterial de uma sociedade. Junto a esses novos conceitos, surgiram leis para garantir a conservação desses bens culturais, preservando assim sua memória cultural.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988, define que:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: [...] IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; (Brasil, 1998).

Com isso, no século XX, já com o cenário da revolução industrial consolidado, houve um aumento nos debates da arte na educação, ocorrendo a promoção dos espaços culturais e seus diálogos, criando repertórios, como descreve Figueiredo (2013, p. 250), que as relaciona como espaços formativos: “O museu pela história biológica deixou de ser um espaço acumulativo e diferencial social para estar como um lugar informativo e interpretação cultural formação do homem”.

Essa vocação educativa dos espaços culturais vem sendo muito debatida nos últimos anos, foi tema da obra do professor, artista e curador Luis Camnitzer que expôs a frase “O museu é uma escola. O artista aprende a comunicar-se. O público aprende a fazer conexões” (Arteversa, 2017), no formato de letreiro aplicado nas fachadas de grandes museus pelo mundo, incluindo o MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Essa ideia surgiu após o artista questionar uma curadoria sobre o material pedagógico da exposição, em troca recebeu a resposta que o museu não é uma escola. De fato, o museu não carrega sobre si a responsabilidade do espaço escolar, nem segue legislações e obrigações no ensino a população, assim como discorreu o professor de filosofia Jorge Larrosa, ao debater sobre a titulação presente na obra do artista Luis Camnitzer, buscando refletir sobre o sentido da palavra escola, em sua maneira mais primária: “Nem o espaço nem o tempo escolares são os do museu, nem as coisas que são feitas em uma escola são as mesmas que são feitas em um museu” (GZH Cultura e Lazer, 2018).

Talvez Larossa tenha razão, o museu não deve mesmo ser chamado de escola, porém, compreendo também a inquietação do artista Comnitzer e entendo que a educação que ocorre tanto na escola quanto no museu são meios de transformação, penso que ao defendê-las de igual maneira seja necessário para um desenvolvimento saudável de um sujeito que está consciente de seu próprio papel como participante ativo na sociedade.

Os espaços de cultura passaram a ter aos poucos consciência do sentido de sua existência como espaço de educação. Nesse

processo, é importante considerar a relação de identificação e representatividade que afeta a comunidade, em alguns espaços como o Museu de Arte do Rio - MAR, este aspecto é trabalhado como um conceito, entendendo que é preciso dedicar o tempo da instituição para pensar o sentido de sua existência, no campo da pesquisa e desenvolvimento, mudando sua forma organizacional: “[...] o método é duvidar do próprio método, para se dedicar ao lugar da pesquisa, invenção e descoberta” (MAR, 2016, p.13).

Apesar dos debates recorrentes em torno desse assunto e mesmo tendo inúmeros exemplos como o museu MAR, temos espaços culturais ainda distantes da integração com o seu público. Para elucidar melhor o que leva a sociedade a este “não pertencimento” nos espaços culturais, Jacques Rancière (2009) nos propõe uma reflexão sobre o que chama de "partilha do sensível", a partir de quatro conceitos - comum, comunidade, espaço e tempo:

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. (Rancière, 2009, p. 15).

Rancière nos mostra a ideia do comum partilhado, através do viés político, este espaço/tempo que nos traz a consciência da existência do indivíduo apto/disposto ou não, na fruição dos espaços

culturais, relacionando-os a sua posição de ocupação tanto funcional como social.

Enquanto buscava compreender o conceito de Rancière, uma palavra atravessou minhas reflexões: equidade, e como esta, enquanto prática, segue existente ou não nos espaços culturais partilhados.

Com estes parâmetros sociais, para se ter equidade entre eles, é necessário, também, refletir como estes subsistem. Temos nossos equipamentos culturais (Silva e Tometich, 2015) passando por dois caminhos distintos, ocorrendo em primeiro um descaso e abandono patrimonial, e em segundo, sua privatização em vista de maior monetarização e monopolização.

Neste primeiro ponto percebemos o abandono patrimonial que impossibilita a sua fruição, dando como exemplo a Casa da Cultura Neusa Nunes Vieira, tombada como patrimônio histórico, se localiza no centro da Cidade de Criciúma e hoje é administrada pela Fundação Cultural de Criciúma, em seu interior contendo arquivos históricos e uma Galeria de Arte. Segundo a homepage do Turismo de Criciúma (2023) o espaço da Casa da Cultura está em estado de manutenção e segue fechada há mais de 4 anos, sem muitas informações sobre sua reabertura.

Em contrapartida, entre disputas políticas, temos equipamentos culturais sendo privatizados e/ou terceirizados, onde o objetivo é visar lucro, neste contexto, os espaços culturais passam a não ser tão acessíveis à comunidade, como o Centro Cultural Santos Guglielmi - complexo que abrigava o Teatro Municipal Elias Angeloni, a Galeria de Arte Octávio Búrigo Gaidzinski e a Biblioteca

Pública Donatila Borba - que passou por sua privatização neste ano de 2023. Segundo o site Portal Litoral Sul (2023), o espaço nos próximos 20 anos poderá disponibilizar aos criciumenses gratuitamente apenas 10 dias de seu cronograma anual e 20% da galeria reservada aos artistas locais, esses parâmetros políticos geram a “[...] privatização das vivências cotidianas é a distorção da compreensão do conceito de cultura” (Silva e Tometich, 2015, p.11).

Percebo também esta sociedade não disponível para partilha na performance da artista Gugie Cavalcante (2023), que diante do público carregava em seus braços latas de tintas spray, bolsas, livros, roupas e sua filha caçula, ao passar os instantes, lhe ocorria uma sobrecarga, um esgotamento, tudo lhe ia caindo, caia-lhe as latas, as bolsas, os livros, as roupas restando em seus braços apenas sua prole.

Na cena, sua filha em seus braços, os sprays e livros ao chão, criaram em mim, a simbologia e uma conexão com o tema. Vejo nessa cena uma mulher, mãe, profissional que ao lidar com seu cotidiano, com a carga que este lhe coloca, se sente forçada a consequência de se abster.

Pensando na interferência desse cotidiano afadigado, reflito novamente sobre a mediação nos espaços culturais, em um primeiro momento, não ocorrendo nos espaços em si, mais uma ação anterior a esta, a conscientização de sua existência.

Existem barreiras sociais históricas que afastam parte da população do contato com estas instituições, mesmo quando este contato é, por parte delas, desejado, recomendado ou mesmo anunciado. Diante de séculos de exclusão social e hierarquização do conhecimento é importante que o esforço genuíno do fazer democrático

institucional não se restrinja apenas a um anúncio. (Pucu et al., 2018, p.19).

Esta declaração no material educativo do Museu de Arte do Rio - MAR nos coloca nesse pensar da ação, da percepção dos espaços de cultura como espaços não formais de educação, como um espaço democrático. Podemos ter acesso a este sujeito mediante um ambiente comum partilhado, a escola, sendo um direito garantido pela Constituição Federal de 1988, a escola passa a se tornar um dos principais pontos de partida, na conscientização do acesso aos espaços culturais e sua potência de educação.

A escola, sendo este importante espaço responsável pelo desenvolvimento social, político, cognitivo e cultural, se torna parte viva e lembrada na vida de todos. Em minhas lembranças penso com carinho da minha escola, porém, também guardo um sentimento de que não me foi oportunizado o acesso aos espaços extras-escolares, conforme atenta a lei n.º 9.394, datado dia 20 de dezembro de 1996, quanto à ocupação e direitos dos alunos pelas diretrizes e bases da educação nacional sobre a “X - valorização da experiência extra-escolar;” (Brasil, 1996).

Uso este espaço da experiência cultural para pesquisar e me perceber, enquanto futura professora, como somos afetados e conduzidos pelo meio que nos cerca, na formação de nossas histórias, memórias e saberes, nos percebendo enquanto sujeito e potencial de vida:

Tudo se passa como se o indivíduo - e aliás todo ser vivo - fosse dotado de um potencial de vida, do qual ainda não podemos definir nem a origem, nem a natureza, nem a meta, o qual tende não só a conservar-se e carregar-

se, mas também ao aumentar, a adquirir um máximo de potência, a desabrochar-se e a transmitir-se a outros seres que serão seu prolongamento e sua continuação. (Martins, 2012, p.12).

Responsável por esse sujeito que sai de seu meio familiar e tem na escola outros meios de afeto social, assim como Paulo Freire⁷ diz: a escola é “gente” e espaço de descobrimento, e por ser/existir nesse lugar na vida da criança, torna-se possível mediadora ao descobrimento da diversidade de práticas que carrega os espaços não formais de educação cultural.

Vemos a escola onde ocorre a educação formal como potenciadora do saber, e os espaços culturais como complemento nesse máximo da potência, uma importante conexão de respeito, que leva em consideração os diferentes tipos de saberes.

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados: e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. (Gohn, 2006, p.28).

Na saída do aluno de seu ambiente escolar, o espaço formal de educação, possibilitamos outras formas de compreender o mundo, dado que através do ensino tradicional seus sentidos ficam em segundo plano, existindo, na maioria do seu tempo, a carteira escolar como espaço físico de exploração.

⁷ Trata-se de uma fala bastante conhecida de Paulo Freire, mas não publicada em livros.

Nesta linha de pensamento, Miriam Celeste nos faz uma indagação que a princípio seria uma questão óbvia: “É importante oferecer a oportunidade de acesso ao patrimônio cultural?” Martins *et al.* (2012). Sabemos que sim! Em outro período a autora expõe que através do acesso à educação nestes espaços não formais, ocorre uma possibilidade na significação de sentidos permitidos.

Ao contrário do ensino, que se esforça por repassar certezas que são reconfirmadas na prova, a aprendizagem gerada nos processos de educação não formal busca a necessária flexibilidade diante de uma realidade apenas relativamente formalizada, valorizando o contexto do erro e da dúvida. (Gonh, 2015, p.18-19).

Esta valorização dos sentidos como “erro e dúvida” se traz, pela escassez de seu uso na aprendizagem formal, que por vezes, em seu processo educativo, se coloca em prática através de métodos como a repetição e a memorização, num formato não muito diferente da aprendizagem na sociedade. Podemos, através do mecanismo da “aprendizagem significativa” de Larrosa (2014), ver a exploração dos conceitos de aprendizagem existentes na sociedade, nossas experiências pautadas na coleta de informações, armazenamento e sua pose, não sua reflexão aprofundada ou sua necessária vivência, mas seu pertencimento, nos tornando seres ouvintes passivos.

A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por

outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. (Larrosa, 2014, p.22).

Condicionado a este mecanismo, o aluno ao entrar em um espaço não formal de educação, pode não encontrar ali um ambiente “favorável” para seu aprendizado, não que os espaços culturais estejam carentes em propiciar formação, mas porque somos condicionados na sociedade e na escola a aprender de forma prática e racional, desqualificando num grau de menor relevância, nossa sensibilidade e nossos sentidos, nos tornamos assim, sujeitos armazenadores do saber.

Adaptados a esta forma de como devemos nos formar como indivíduo, sentimos nos espaços não formais de educação a quebra desse processo, somos “Ex-postos” (Larrosa, 2014). Somos levados, através da experiência vivida, a iniciar criações de conceitos por meio de quem somos com o que nos atravessa, nos cabendo assim, como corpo existente no espaço, entender e significar o que nos toca.

“A arte e a cultura são mediadores por si mesmos. Contaminam muitos.” (Martins, 2014). A arte nos espaços culturais vem como ascendência na formação do aluno, através desta contaminação, que se coloca diante de nós como um processo, um caminho a ser percorrer, podemos compreender a relação do espaço formativo com o percurso artístico.

[...] no momento em que alguém seleciona, compara e interpreta as imagens registradas sobre qualquer suporte, seja o som, a dança, o teatro, a cor, a forma de uma escultura e de tudo o que faz parte da vida. Ela transforma o olhar, que deixa de ser passivo e torna-se ativo, seletivo, tátil, contemplativo e criador, articulando-se aos processos da vida cotidiana. (Gohn, 2015, p.69).

Mediados pelo conceito humano e intervenções cotidianas, os espaços culturais de arte, em especial, se destacam no campo da educação na valorização da singularidade do espectador, através da problematização de sua formação crítica, consciência estética e produção de pensamento a partir do seu corpo/espço.

Estes espaços culturais tornam-se operantes nessa luta da significação da experiência, partilham da valorização da produção cultural e preservação do patrimônio histórico, problematizando o artista que não cria para si mesmo, mas se coloca como sujeito no processo de descobrimento, transformando a si e o meio. E assim, ressignificando seu espectador, logo, criamos junto ao estudante, um novo modo de se colocar no processo educativo.

Nesse marco, tenho a impressão de que a palavra experiência ou, melhor ainda, o par experiência/sentido, permite pensar a educação a partir de outro ponto de vista, de outra maneira. Nem melhor, nem pior, de outra maneira. Talvez chamando a atenção sobre aspectos que outras palavras não permitem pensar, não permitem dizer, não permitem ver. Talvez, configurando outras gramáticas e outros esquemas de pensamento. Talvez produzindo outros efeitos de verdade e outros efeitos de sentido. (Larrosa, 2014, p.38).

A experiência seria, portanto, se colocar nesse espaço-potência, com mediação dos espaços não formais de educação

(espaços culturais) por meio da escola, com isso, levamos o estudante a criar suas rotas de deriva, produzindo vivências culturais e subjetividades, e nesta ação podemos promover o respeito e pertencimento cultural, criando consciência e igualdade a todos.

4 O CORPO E O ESPAÇO: EXPLORANDO ESPAÇOS CULTURAIS

4.1 EMENTA

Compreender a relação entre o corpo e o espaço que o rodeia; desenvolver a capacidade de observação e criação; experimentação do desenho como linguagem de expressão que parte da observação no espaço cultural.

4.2 CARGA HORÁRIA

6 horas

4.3 PÚBLICO-ALVO:

1º Ano do Ensino Médio

4.4 NÚMERO DE VAGAS:

30 alunos

4.5 OBJETIVOS:

4.5.1 Geral:

Proporcionar aos estudantes do primeiro ano do ensino médio experimentações em desenho a partir da relação corpo e espaço, tendo a visita ao Centro Cultural Jorge Zanatta como ponto de partida para os processos de criação.

4.5.2 Específico:

- Propor, através da saída escolar, novas percepções quanto a cultura e artes existentes na região.
- Estimular a percepção visual dos estudantes por meio de observação de arquitetura, objetos e cenários presentes no Centro Cultural Jorge Zanatta, de forma que possam identificar o espaço e sua representatividade na sociedade.
- Incentivar processos de criação dos estudantes por meio do desenho, desenvolvendo sua produção de forma livre.
- Promover a socialização entre os estudantes, incentivando a troca de experiências e conhecimentos durante as atividades práticas e visitas ao espaço cultural Jorge Zanatta.
- Desenvolver a capacidade dos alunos de reconhecer e valorizar a arte e a cultura local, por meio da visita ao Centro Cultural Jorge Zanatta e da produção de desenhos a partir das experiências vivenciadas durante essa visita.

4.6 JUSTIFICATIVA:

O presente projeto de curso busca desenvolver através da saída do espaço da escola o olhar do corpo na ocupação do espaço cultural. A proposta propõe a ocupação cultural de forma crítica, por meio de um processo de criação, possibilitando aos estudantes do primeiro ano do ensino médio experienciar uma formação sensível, compreendendo também, como desenvolver o olhar para si, bem como referência o documento norteador BNCC:

Esses processos criativos devem permitir incorporar estudo, pesquisa e referências estéticas, poéticas,

sociais, culturais e políticas, para criar novas relações entre sujeitos e seus modos de olhar para si e para o mundo. Eles são, portanto, capazes de gerar processos de transformação, crescimento e reelaboração de poéticas individuais e coletivas (Brasil, 2018, p. 474).

Com isso, abordaremos a problemática da falta de acesso aos equipamentos culturais (espaços não formais de educação) e a pouca relação de pertencimento desses espaços para com a sociedade.

O projeto problematiza essa concepção buscando transformá-la em uma compreensão de mundo através do processo artístico e criativo, contextualizando com o que pede nas habilidades do Ensino Médio na BNCC (Brasil, 2018, p. 496): “(EM13LGG601) Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica”.

Dessa maneira, como conteúdo inicial, apresento para a turma minha produção de cartões postais, contextualizando sobre minha experiência em derivar nos espaços culturais, que foram protagonistas na minha formação sensível, refletindo junto o grupo sobre as memórias e experiências vivenciadas através dessas interações com arte e educação.

Com isso, os estudantes, após a experiência da saída escolar e interação do seu próprio corpo com o espaço cultural de sua região, serão convidados a elaborar desenhos, relacionando o processo de criação com o espaço cultural Jorge Zanatta, da cidade de Criciúma.

Ao término do projeto, almeja-se que as referências e experiências propostas constituam um pensamento crítico-reflexivo

nos estudantes, na valorização da arte e história de sua cidade através dos espaços culturais - espaços não formais de educação.

4.7 METODOLOGIA E CRONOGRAMA:

1º Encontro - (dás 13:00h às 14:00h)

Nesse primeiro encontro, em sala, os alunos terão acesso à produção dos cartões postais, que ilustram aquarelas dos espaços culturais, da trajetória da formação sensível da professora, através da experiência nestes locais.

Após essa dinâmica, iremos nos aprofundar na história do casarão Centro Cultural Jorge Zanatta, bem como seu surgimento e sua funcionalidade no passado e presente, buscando relacioná-lo com outros espaços culturais na cidade e seus acessos. Após a leitura, será revisitado através de slides alguns projetos artísticos realizados pela instituição e, partindo disso, realizaremos uma roda de conversa no intuito de problematizar a importância dos espaços culturais na cidade, quais relevâncias possuem na sociedade e como podemos através desses espaços aprender sobre a nossa identidade cultural.

2º Encontro - (dás 13:00h às 15:00h)

O segundo momento se dará pela saída escolar até um espaço cultural da cidade de Criciúma, o Centro Cultural Jorge Zanatta. A partir deste espaço cultural, os estudantes terão como campo exploratório para observar e criar narrativas, partindo do diálogo proposto na sala de aula, se colocando assim, como sujeitos

singulares e coletivos na ocupação do espaço de cultura. Após a exploração, a continuidade do encontro consistirá em registros elaborados pelos próprios estudantes, em formato de rascunhos escritos e desenhados, sobre a percepção e ocupação de si e de seus colegas no espaço cultural.

3º Encontro - (dás 13:00 às 14:00)

Em nosso terceiro momento, já em sala de aula, ocorrerá o processo de relembrar a ida ao espaço Cultural Jorge Zanatta, para isso, compartilharemos em uma roda de conversa os rascunhos produzidos na intenção da observação coletiva, oportunizando a fala de experiências sobre a saída escolar.

Por seguinte, todos seguirão para uma produção artística individual de desenho na criação de novas formas de ocupação a partir do espaço visitado. Sendo assim, trabalharemos a memória singular do corpo e espaço através das produções, propondo novas buscas de relações com o mundo ao seu redor.

4º Encontro - (dás 13:00 às 15:00)

Em nosso quarto e último encontro haverá uma nova saída escolar, voltando com a turma ao Centro Cultural Jorge Zanatta, desta vez, na intenção de compor uma exposição coletiva no formato de varal expositivo, provocando um diálogo entre as escritas elaboradas na primeira ida ao centro cultural e suas produções realizadas em sala de aula, apresentando a partir de suas vivências e percepções, a importância de experienciar um espaço cultural de sua cidade, reconhecendo de forma histórica e crítica.

4.8 INFRAESTRUTURA E MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Na elaboração deste plano de curso, contaremos com a reserva de um ônibus para transporte dos alunos, levando-os da escola até o Centro Cultural Jorge Zanatta, no decorrer dos encontros os alunos utilizarão materiais como papel ofício A4, lápis grafite e lápis de cor para a elaboração do processo criativo e sua prática. Ocorrendo no último encontro uma exposição coletiva, utilizando cordões de barbante e grampos de madeira para a construção de um varal expositivo no Centro Cultural Jorge Zanatta.

5 REFLETIR

Ao observar minha trajetória escolar e de muitos colegas e familiares, sempre me questionei em como os espaços culturais poderiam ser potenciais espaços não formais de educação, se esta ação estivesse presente na formação num todo, poderíamos perceber mudanças na sociedade? Entre leituras e escritas em minha formação, encontrei alguns caminhos para esta questão refletida em minha própria produção de aquarelas. Sim, me considero esse sujeito, modificado através dos espaços de cultura.

Em suma, vejo que precisamos que os espaços culturais existam e dialoguem com nossa existência, sendo assim, um dos instrumentos de preservação e promoção de nossas histórias e memórias, com eles, nos tornamos conhecedores dos fatos do passado, conscientes do presente e com capacidade para projetar futuros.

Diante do exposto, vejo que não devemos priorizar espaço algum, mais sim, defender que se tome posicionamentos sociais e políticos fora e (principalmente) dentro das escolas, na valorização do direito à cultura e educação, existente nos espaços culturais.

Pesquisar sobre a importância dos espaços culturais como espaços não formais de educação, para mim, foi também pesquisar sobre a importância do espaço formal de educação, pois a educação no espaço escolar esta diretamente ligada ao desenvolvimento humano, que tanto defendo conter nos espaços culturais, chego à conclusão de que nenhuma delas deva ser podada, pelo contrário,

ambas devem ser defendidas, se fazendo aliadas na formação da sociedade.

Temos em vista que, a saída escolar aos espaços culturais (espaços não formais de educação) segue presente nas leis que constituem a educação nacional, o acesso ao patrimônio cultural sendo indicado em documentos norteadores que regem a educação de nosso estado, onde, mesmo sendo defendido em diversas instâncias, tem hoje sua prática como um ato opcional no currículo escolar.

Esta situação fortalece meu questionamento: QUAL O ESPAÇO DA CULTURA NA ESCOLA? QUAL ESPAÇO DA EDUCAÇÃO NO ESPAÇO CULTURAL?

Tanto a União, quanto os Estados e Municípios, com seus respectivos estabelecimentos de ensino, carregam em si o dever de cuidar do currículo escolar, na garantia de uma educação plena ao cidadão, que o faça se aproximar de sua própria cultura, podendo assim, com esta aproximação, desmistificar que os espaços de arte e cultura sejam elitizados.

Podemos ver que a experiência em estar nos espaços de educação não formais é defendida por diversos pesquisadores do campo, tanto posicionados nos espaços de educação formal quanto nos espaços não formais, se fazendo comprovado a importância da representatividade cultural na formação sensível do sujeito, se tornando um agente de transformação ao longo do tempo.

Entendo que a mediação nos espaços de cultura necessita de diversas facetas para se realizar “por inteira”, como um espaço receptivo, um diálogo que possibilite e respeite o percurso da obra e

espectador, um sujeito aberto à experiência, desse modo, agrega ao currículo já existente na escola.

O acesso a todos é o primeiro passo para tomada de consciência e valorização dos espaços de cultura. Conhecer a história local através de seus equipamentos culturais cria um cidadão consciente de si mesmo, podendo impactar em suas decisões futuras, em como se vê e entende o outro.

É observando estes ângulos que a educação fora da escola torna-se um ato de coragem. Um caminho árduo tanto para o estudante quanto para o professor, onde, nesse processo, ambos se formam e transformam pela experiência.

Dessa forma, devemos fazer com que a saída escolar, seja mais do que uma indicação de boas condutas na escola ou simplesmente um momento de lazer, devemos enxergar a escola como mediadora, inserindo os espaços culturais no currículo escolar como direito e possibilidade de aprendizagem, sendo crucial na promoção do desenvolvimento de um sujeito consciente e crítico em seu tempo. Tendo a compreensão que, privar os estudantes dos espaços culturais é privá-lo de sua própria história.

Como professora de artes em formação, sigo **rememorando, derivando, emergindo e refletindo** sobre a importância dos espaços culturais, especialmente das saídas escolares como incentivo a valorização da cultura local e formação sensível dos estudantes.

6 REFERÊNCIAS

ARTEVERSA: **Luis Camnitzer**: o museu é uma escola? 2017. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/artevera/luis-camnitzer-o-museu-e-uma-escola/>. Acesso em: 18 set. 2023.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antônio de Pádua Dane si. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BONDÍA. Jorge Larrosa. **Tremores**: Escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Emenda Constitucional nº Art. 216, de 05 de outubro de 1998. Constituição Federal de 1988.: Patrimônio cultural brasileiro. Brasília, DF, Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10647933/artigo-216-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em: 11 set. 2023.

BRASIL. **Assembleia Legislativa. Lei nº Art. 1**, de 30 de novembro de 1937. **Do** Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, RJ, 11 dez. 1937. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Acesso em: 05 set. 2023.

BRASIL. **Assembleia Legislativa. Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece As Diretrizes e Bases da Educação Nacional.: TÍTULO I DA EDUCAÇÃO. Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 05 set. 2023.

CIDADE DE SÃO PAULO CULTURA: **HISTÓRICO DO ÔNIBUS DA CULTURA**. 2006. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/biblioteca/s/onibus_biblioteca/index.php?p=251. Acesso em: 22 set. 2023.

COSTA, Luciano Bedin da. **Cartografia**: uma outra forma de pesquisar. 2014. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Ufrgs/RS, Santa Maria, 2014.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna**. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ. Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 28, jan./mar. 2006. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S010440362006000100003&scrypt=sci_abstract. Acesso em: 24 out. 2023.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal no campo das artes**. 1 ed. v. 57. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

GUGIE CAVALCANTE. **Performance**. 2023. Disponível em: <https://gugiecavalcanti.com/>. Acesso em: 10 set. 2023.

GZH Cultura e Lazer: **Jorge Larrosa**: o museu não é uma escola. Jorge Larrosa: o museu não é uma escola. 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2018/09/jorge-larrosa-o-museu-nao-e-uma-escola-cjmm5ch4300mv01rxnfjkvusb.html>. Acesso em: 18 set. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>. Acesso em: 24 set. 2023.

LEITE, S. A. da S. & TASSONI, E. C. M. **A Afetividade em sala de aula**: as condições de ensino e a mediação do professor. Lisboa: Moraes Editora, 2000.

MASP, Museu de Arte de São Paulo. **SOBRE O MASP**. 2017. Disponível em: <https://masp.org.br/sobre>. Acesso em: 18 set. 2023.

MARTINS, Mirian Celeste *et al.* **Mediação cultural para professores andarilhos**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste **MEDIAÇÕES CULTURAIS E CONTAMINAÇÕES ESTÉTICAS**. Brasil: Revista Gearte, v. 1, n. 2, ago. 2014. Bimestral. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/52575/32605>. Acesso em: 25 set. 2023.

MUSEU DE ARTE DO RIO (MAR). **Escola do Olhar: práticas educativas do Museu de Arte do Rio 2013-2015**; Melo, J. (Org). Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2016.

PICOLO, Ana Clara. **Catálogo Cultural: os equipamentos culturais de Criciúma/sc**. 2014. 72 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2014.

PORTAL LITORAL SUL Informação Que Transforma. **Empresa que irá assumir gestão do Teatro Elias Angeloni é conhecida em Criciúma**. 2023. Disponível em: <https://portallitoralsul.com.br/empresa-que-ira-assumir-gestao-do-teatro-elias-angeloni-e-conhecida-em-criciuma/>. Acesso em: 10 set. 2023.

PUCU, Izabela *et al* (org.). **Dispositivos Artístico - pedagógicos**. Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

SILVA, Rosemeri de Fátima Carvalho da; TOMETICH, Patrícia. **Equipamentos e Dinâmica Cultural**. 2015. V.10. Porto Alegre: Curso de Extensão em Administração Pública da Cultura, 2015.

TURISMO. Santa Catarina. Criciúma (org.). **CASA DA CULTURA NEUSA NUNES VIEIRA**. 2023. Disponível em: <https://turismo.criciuma.sc.gov.br/pontoturistico/20>. Acesso em: 10

set. 2023.

WENDELL, Ney. **Estratégias de Mediação Cultural:** para a formação do público. Bahia: Secretaria da Cultura, 2013.

